

MINISTÉRIO EVANGÉLICO, COMO PAIXÃO E COMPAIXÃO

Pr. Irland Pereira de Azevedo¹

Sinto-me sumamente honrado com o convite dos concluintes da turma de 2004 da FTBSP para proferir discurso como seu paraninfo nesta solenidade de formatura. À honra que recebo humildemente acresce, entretanto, o ônus de dizer uma palavra que ao mesmo tempo constitua desafio para os que, formados, ingressam no efetivo ministério evangélico, na área pastoral, da educação cristã, das missões ou da música e adoração, e assinale ou relembre para o povo de Deus aqui reunido o compromisso que constitui marca do obreiro realmente vocacionado e disposto a atuar no centro da vontade do Senhor.

“Ministério Evangélico como Paixão e Compaixão” é tema que lhes trago, meus afilhados.

Ele me veio ao coração no momento mesmo em que recebi do Prof. Lourenço Stélio Rega a comunicação de seu convite. Apegou-se-me à alma como se fora uma gravidez, um peso, um fardo, até este momento em que finalmente o venho trazer à luz.

Com quase 55 anos de vida cristã e 45 de ministério pastoral, pesam-me hoje grandes preocupações com o Ministério Evangélico, em geral. Vejo que a frieza e a preocupação meramente profissional predominam em nosso cenário e prevalece uma concepção meramente profissional do ministério. Percebo nas conversas entre pastores enorme preocupação material e com os benefícios de natureza econômica e financeira, como motivadores do empenho pastoral. E desse modo a igreja é havida como simples empresa, maior ou menor, de maior ou menor potencial, e o múnus pastoral, como emprego, e, em muitos casos, como negócio.

Vejo, com tristeza, que em muitos líderes falece a visão da igreja como Corpo de Cristo, propriedade Dele, comprada com Seu sangue. Sim. Também falta visão da dignidade das pessoas e sobra ambição de coisas, preocupação com a aquisição e gozo das coisas. Existe, enfim, uma como que “coisificação” do ministério.

Imbuídos de uma mentalidade de mercado e de empresa, muitos líderes de nosso tempo buscam status, querem produzir o crescimento rápido das igrejas, a todo custo, e por isso estão à cata de métodos ou fórmulas mágicas para um crescimento espetacular, em verdade mais numérico do que espiritual, quantitativo do que qualitativo.

Para muitos, o ministério pastoral e demais ministérios da igreja, mesmo nos seus momentos e tarefas mais relevantes, constituem um labor penoso, profissionalmente frio ou friamente profissional.

Diante desse quadro que posso estar colorindo com pinceladas muito fortes, proponho nesta solenidade festiva e de celebração do chamado divino, um *Ministério com Paixão, e Compaixão*.

¹ Mensagem de Paraninfo da turma de 2004 da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Culto de Formatura em 19 de Março de 2005, em dependências da IB Boas Novas, São Paulo, SP. Esta cópia é oferecida aos concluintes, com a certeza de minhas orações por eles, na fase nova de sua vida. Citar como fonte do documento: www.teologica.br
Meu e-mail: irland@aclnet.com.br

Recordo-lhes duas passagens do Livro Santo.

A primeira, em Atos 20.23-24:

“Só sei que, em todas as cidades, o Espírito Santo me avisa que prisões e sofrimentos me esperam. Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus”(NVI).

A segunda, a descrever momento importante do ministério de Jesus, mas que constitui marca de todo seu ministério:

“Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor”. (Mt 9.36 NVI).

1. MINISTÉRIO COMO PAIXÃO

É possível que você ache impróprio falar de paixão para descrever o compromisso do servo de Deus com sua vocação ministerial. Em verdade estamos acostumados a pensar em paixão como movimento desordenado da alma a compeli-la para fora dos limites da razão.

Paixão pode ser definida, realmente, como “sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão”; ou “como amor ardente, inclinação afetiva e sensual intensa”. Ou, ainda, como “afeto dominador e cego”, ou “entusiasmo vivo por alguma coisa”. Aliás, Aurélio Século XXI oferece catorze acepções dela.

Paixão indica aquilo que se sofre, o contrário de ação, na linguagem aristotélica. Falamos, especialmente ao nos aproximarmos da semana chamada Santa, da “Paixão de Cristo”.

Vale lembrar que Jesus é exemplo também nisto para todos nós: soube sofrer, e transformar o sofrimento em redenção e vitória. Jesus exemplifica o sofrimento humilde e paciente.

O substantivo *paixão* ou *paixões*, no plural, não goza de boa reputação no NT, pois aparece para descrever o desejo ardente e concupiscente do que pertence a outrem, ou de fazer o que é moralmente errado: cobiçar, ter maus desejos. Paulo fala a Timóteo a respeito dos “desejos descontrolados e nocivos”, *paixões*, portanto (1Tm 6.9 NVI) e dos “desejos malignos da juventude”, *paixões* da juventude (2Tm 2.22 NVI). Nesse sentido, *paixão* é “sentimento irracional e às vezes desmedido que o sujeito experimenta sem poder dele livrar-se e que pode empurrá-lo a agir fora ou a despeito das prescrições morais”².

Jolivet, por sua vez, diz da paixão que ela é “um movimento impetuoso da alma, conduzindo-nos ou afastando-nos de um objeto”, e que, sendo inclinação

² Sylvain AURAUX & Yvonne WEIL. *Vocabulaire des Études Philosophiques*. Paris: Hachette, 1993, verbete *passio*.

levada a um alto grau de intensidade e veemência, pode assumir o caráter de uma crise.³

Descartes denomina paixões “todos os fenômenos que são causados na alma pela ação do corpo ou as percepções ou sentimentos ou emoções da alma, que têm relação com ela, e causadas, entretecidas ou fortificadas por algum movimento do espírito”.⁴

Em sentido mais comum e popular, a paixão pode ser vista como “tendência durável e capaz de dominar a vida psíquica e os atos do indivíduo”.⁵

Em verdade, toda pessoa feliz e bem sucedida foi dominada por uma paixão. Vale recordar aqui as palavras de alguns vultos notáveis do passado.

Por exemplo:

Denis Diderot (1713-1784) – “Não há nada, a não ser as paixões, as grandes paixões, que podem elevar a alma a grandes coisas”. In: *Pensées Philosophiques*.

Émile Chartier Alain (1866-1951) – “São as paixões, e não os interesses, que dirigem o mundo”. In: *La Guerre Jugée*.

Honoré de Balzac (1799-1850) – “As paixões nobres são como os vícios: tanto mais se satisfazem, mais crescem”.

Wilhelm F. Hegel (1770-1831) – “Nada de grande foi realizado nem pode ser realizado, sem paixão” (in: Enciclopédia), e disse Nietzsche que a existência de uma paixão dominante constitui a suprema saúde.

Jonathan Edwards (1703-1758) assinala que a verdadeira religião consiste, em grande parte, em fortes inclinações da vontade.

A verdadeira religião é fervente e séria, e as afeições religiosas constituem a fonte principal das ações humanas. Amar a Deus de todo o coração significa também odiar o pecado.

Ao cuidar das afeições religiosas, numa releitura de Jonathan Edwards, entende Mc Dermott que elas vêm a ser “inclinações fortes da alma que se manifestam em pensamentos, sentimentos e ações, e determinam tudo o que a pessoa é ou faz. Envolvem a cooperação coordenada de mente, vontade e emoções. São, enfim, o cerne da verdadeira espiritualidade”.⁶

Pois bem.

O Ministério Evangélico há de ser exercido com paixão, ou movido por santas afeições.

Diz Paulo a Timóteo que aquele que aspira, ou deseja muitíssimo, ardentemente deseja o ministério (o verbo é *horegomai*), excelente obra deseja. (1Tm 3.1).

Jesus emprega os verbos “comer” e “beber”, para expressar o forte desejo de fazer a vontade de Deus. Diz Ele: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”.(Mt 5.6).

³ Régis JOLIVET. *Curso de Filosofia*. Rio: Agir, 1956 (?).

⁴ AURAUX & WEIL. *Ibid.*

⁵ *Ibid.*

⁶ Gerald R. McDERMOTT. *O Deus Invisível*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 32, 34.

Por outro lado, quando lhe disseram os discípulos que comesse – porque tinham ido à cidade buscar alimentos e os trouxeram – Jesus respondeu, junto ao poço de Jacó, que sua comida era fazer a vontade do Pai. (Jo 4.34).

Sim, fazer a vontade de Deus, viver no centro dela, em todos os momentos da vida e aspectos do servir, devem constituir paixão do servo e da serva do Senhor.

Paulo é para nós exemplo de um ministério apaixonado. Seu coração e seus olhos fixam-se num só alvo: Jesus Cristo.

Sua vida toda está visceralmente comprometida com Cristo. Ele considera o que é, o que sabe, sua condição de apóstolo, tudo isso, como esterco, pela excelência de conhecer a Cristo e ser achado nele.

Pois bem.

Como há de ser o Ministro Evangélico, em qualquer área de serviço para o povo de Deus, à luz da experiência de Paulo e de muitos outros, ao longo da história? Um Ministro apaixonado e compassivo!

1.1 Ministro movido pelo amor a Deus, o Pai e a Jesus Cristo, seu Filho que por ele morreu e por ele intercede.

Paulo, paradigma para o ministro de Deus em todos os tempos, afirma: “Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1.21 NVI). E mais: depois de mencionar o fato de ser israelita, benjamita, fariseu, irrepreensível: “*Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso*” – diz ele – “*considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo, e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé. Quero conhecer Cristo*” – continua ele – “*o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte*”. (Fp 3.7-10 NVI).

Não está claro aí o perfil, e claro o caráter de Paulo como um ministro apaixonado?

É inegável a cultura de Paulo, seu currículo acadêmico, sua posição na sociedade. Mas nada disso é importante para ele. Sua paixão dominante é o amor a Jesus Cristo! Seu compromisso maior é com Ele.

1.2 Ministro movido pela paixão em relação à Palavra de Deus.

O pregador apaixonado não lida com a Bíblia como se fora um livro qualquer, um manual ou compêndio de doutrina e de histórias religiosas e morais. A Bíblia para ele é Palavra de Deus, a ser amada, conhecida, exposta, ensinada, vivida. Aos líderes de Éfeso diz o Apóstolo: “*Não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus*” (At 20.27.NVI). Ou “*todo conselho de Deus*”, como diz outra versão. A Timóteo, que

fora líder pastoral da igreja de Éfeso, dirigiu estas palavras: *“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”* (2Tm 3.16,17 NVI). E depois esta ordem: *“Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente: Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda paciência e doutrina.*

Pois virá o tempo” – e já veio, meus irmãos – “em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentido coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos”.(2Tm 4.1-4 NVI).

1.3 Movido pela paixão pela igreja de Cristo

Para Paulo a igreja não era mera empregadora ou provedora de seu sustento. De modo algum. Era povo de Deus, noiva de Cristo que lhe incumbia apresentar pura e santa ao Divino Noivo. (2Co 11.1-3). Ele diz que ama à igreja, mesmo se sentindo às vezes menos amado por ela; diz que se preocupa com a igreja, e que prazerosamente gasta e se deixa gastar porque ama o povo de Deus. (2Co 11.2, 11,28). É comovente recordar suas palavras: dirigidas aos coríntios: *“Falamos abertamente a vocês, coríntios, e lhes abrimos todo o nosso coração! Não lhes estamos limitando nosso afeto, mas vocês estão limitando o afeto que têm por nós”*. (2Co 6.11,12 NVI). E mais: *“Assim, de boa vontade, por amor de vocês, gastarei tudo o que tenho e também me desgastarei pessoalmente. Visto que os amo tanto” – pergunta ele – “devo ser menos amado?”*. (2Co 12.15).

1.4 Ministro movido pela paixão do Evangelho.

Paulo crê no poder do Evangelho (Rm 1.16), sabe que é poder de Deus, e por isso entende que lhe imposta a obrigação de pregar o Evangelho. Ele não pode não pregar. E afirma: *“Porque ai de mim se não pregar o evangelho!”*. (1Co 9.16 NVI).

Paulo tem experiência pessoal do Evangelho e bem poderia cantar, enquanto pregava, o hineto que as igrejas cantavam antigamente:

*“Só o poder de Deus pode mudar teu ser.
A prova que eu te dou? Ele mudou o meu.
Não vês que sou feliz, seguindo ao meu Senhor?
Nova criatura sou. Nova sou”*.

Homens transformados pelo Evangelho podem pregar apaixonadamente e com impacto o Evangelho que transforma.

2. MINISTÉRIO COMO COMPAIXÃO

Que é compaixão?

Do latim *compassione*, paixão é, numa primeira acepção, o pesar que em nós desperta a infelicidade, a dor, o mal de outrem. É piedade, pena, dó, condolência.⁷

Webster vai mais longe, ao definir compaixão como “profundo sentimento e compreensão da miséria ou sofrimento e o concomitante desejo de promover o seu alívio. É consciência espiritual da tragédia da pessoa de outrem ou de outros e a ternura altruísta que a ele ou eles se dirige”.⁸

Compaixão é o amor em ação. É o voltar-se da fé cristã ao sofrimento humano. Compaixão é carregar o fardo, é estar junto, é sentir junto, é tocar.

É notável, a propósito, o que fez Jesus com o leproso de que dá conta Mc 1,40,41. Um leproso ajoelhou-se aos pés de Jesus e suplicou-lhe: “se quiseres, podes purificar-me!” “Cheio de compaixão” – é o que diz o Evangelho – “Jesus estendeu a mão, tocou nele, e disse: <Quero, seja purificado!>. Jesus poderia apenas falar. Já teria mostrado solicitude. Mais do que isso, mesmo sabendo que se tratava de um leproso, movido por compaixão, Jesus o tocou.

Ah, irmãos, num tempo de ministério pastoral asséptico, em que muito pastor não gosta do cheiro de ovelha, e pastoreia de longe, vale a pena lembrar o modelo pastoral do Divino Pastor. Ele tocou, falou e abençoou! Porque teve compaixão.

A compaixão – o sofrer com outros, o levar as cargas, o chorar com os outros, o consolar na hora da aflição – é cumprimento da Lei, e, portanto, da vontade expressa do Senhor de nossas vidas. Basta conferir: Gl 6.2; 5.14.

Mediante a atuação do Espírito Santo em nós, e da aplicação da Palavra de Deus ao nosso caráter, a compaixão de Deus se torna nossa. “Por seu perdão, recebemos compaixão do mesmo padrão que o Seu”.⁹

La Bruyère diz da compaixão que “uma grande alma está acima da injúria, da injustiça, da dor, da zombaria; ela seria invulnerável se não sofresse pela compaixão”. *Les Caractères*.

Ilustração notável de compaixão encontra-se na parábola do bom samaritano.(Lc 10.25-37). Saiu dos lábios de Jesus, e é bem conhecida. Sobre o episódio, diz Martin Luther King Jr que o raciocínio do sacerdote e do levita, ao verem o homem que fora assaltado por bandidos ferido e sangrante à beira da estrada, foi: <Que nos acontecerá se pararmos para socorrê-lo?>, ao passo que o do samaritano foi diferente.

Pensou ele consigo mesmo: <Que acontecerá a esse homem ferido, se eu não parar para socorrê-lo?>. ¹⁰ E pôs-se a agir. Compaixão não é o mero pensar generoso. É ação generosa e redentora.

⁷ AURÉLIO Século XXI. Verbete *compaixão*.

⁸ WEBSTER'S THIRD INTERNATIONAL DICTIONARY. Verbete *compassion*.

⁹ R. Newton FLEW. *Jesus and His Way*. In: Carl F.H. HENRY. Ed. **Baker's Dictionary of Ethics**. Grand Rapids: Baker, 1973. Verbete *compassion*.

É para um ministério de compaixão, de simpatia e empatia a conduzir-nos a ações concretas, em forma de palavras e atos, que o Senhor nos convoca num mundo como o nosso.

A compaixão cristã – de que somos portadores – deve caracterizar-se por sensibilidade, diligência, paciência, longanimidade e humildade.

Num tempo de alta tecnologia (high tech), de relacionamentos superficiais e artificiais, é mister que exerçamos um ministério compassivo, amando as pessoas, estando junto delas, tocando-lhes nas necessidades mais profundas, com a palavra de Deus.

Vivemos num mundo partido, de alienação e desencanto. E nosso ministério, apaixonado e compassivo, terá de recuperar seu romance e seu compromisso com a palavra e a mensagem da reconciliação. Mesmo porque Deus nos confiou o ministério e pôs em nós a palavra da reconciliação. (2Co 5.18,19).

Milhares, milhões de pessoas hoje vivem, ou sobrevivem, como ovelhas que não têm pastor. É mister que as busquemos e lhes comuniquemos, por meio de palavras e atos de bondade a beleza, a riqueza e a graça do Evangelho.

CONCLUSÃO

O Deus misericordioso e compassivo do AT, e o Deus que, em Cristo, se encarnou e habitou entre nós, tenha em nosso ministério lugar e expressão para sua graça, sua misericórdia, seu amor redentor e restaurador.

Que espero de seu ministério, meus amados irmãos, atuais e futuros colegas?

Que ele seja exercido com profunda paixão, firme compromisso, celeste alegria e imensa compaixão.

Encerro esta palavra singela, mas saída do fundo do coração, com uma citação de John Mackay:

Diz ele:

*“Chegará o tempo” – e já chegou, pois ele escreveu como profeticamente há quase 60 anos – “em que os homens desiludidos e quebrantados, inflamados revolucionários de ontem e de hoje, de luzes apagadas e fogos extintos, precisarão da ternura de um coração de pastor. Desfeitas as esperanças deles de uma nova era, oprimidos pelos imprevistos fenômenos dos mal pós-revolucionário, procurarão homens que os amem como indivíduos, que lhes restaurem as almas, apascentando-os nas verdejantes pastagens. Para o espírito humano solitário e quebrantado, não há auxílio, nem esperança, senão em homem com coração de pastor que o vá procurar na prisão ou o busque como caminhante perdido na estrada da vida”.*¹¹

¹⁰ Martin Luther KING Jr. **Strength to Love**. Não me ocorrem a editora e o ano de publicação. Tenho a obra em minha biblioteca.

¹¹ John A. MACKAY. **A Ordem de Deus e a Desordem do Homem: A Epístola aos Efésios e a Época Atual**. São Paulo e Rio de Janeiro: União Cristã de Estudantes do Brasil e Confederação Evangélica do Brasil, 1959, p. 116.